

## A construção da linguagem persuasiva no periódico *Guerra Sociale*

Vera Maria Chalmers

A linguagem jornalística dos periódicos anarquistas em língua italiana, muitas vezes escritos na forma dialetal do ítalo-paulista, serve para criar sobretudo uma identidade própria em contraposição à noção de *italianità* da propaganda de guerra, veiculada pelos próceres da colônia italiana, radicada na cidade de São Paulo. O primeiro número de *Guerra Sociale*, de 11 de setembro de 1915, combate o nacionalismo e o patriotismo como conceitos ligados à noção de Estado e à Igreja, por seu apoio à guerra. O primeiro número apresenta Angelo Baldoni como diretor e redator. Na última página enumera os colaboradores: Edmondo Colli, Annielo Paniello, Giovanni Ciuffi, Francisco Gattai, Giuseppe Agotani, Marsillo Sernicelli e Gigi Damiani. O jornal posiciona-se contra a guerra, mas não é pacifista nem abstencionista, pois entende que a guerra é uma manifestação da ideologia nacionalista burguesa, cujas contradições poderão levar, no seu desenlace, à irrupção da guerra civil nos Estados beligerantes, devido às condições econômicas e sociais do proletariado, causadas pela fome e pelo martírio. O periódico adverte contra a tomada de posição militarista antecedente e convida os leitores a unirem-se apesar das diferenças ideológicas a respeito da Revolução Social, para prepararem-se para o grande enfrentamento contra a burguesia, a fim de criar o comunismo libertário internacional.

A intervenção dos redatores e colaboradores visa unir a propaganda das diferentes correntes socialistas e libertárias contra a guerra, apesar das restrições dos anarquistas contra a participação dos socialistas nas instituições do Estado. O jornal entende que a hora é de união com vistas à situação revolucionária instigada pela guerra mundial. O jornal *Guerra Sociale* é anarquista, mas convoca, nesse momento, a participação de outras correntes políticas e econômicas, como a dos sindicalistas. A propaganda veicula os autores da didascália anarquista, a linguagem persuasiva do jornal produz-se na forma da linguagem comunicativa do cotidiano, muitas vezes com vezo dialetal, na divulgação dos principais conceitos dos escritos teóricos. O texto do periódico pressupõe um público

amplo e não necessariamente politizado. Entretanto, muitas vezes, o debate torna-se uma discussão de conhecedores. Os anarquistas posicionam-se contra o Estado e a Igreja, os quais, por meio do conceito de *panlatinismo*, procuram atrair a população de imigrantes e de seus descendentes, a favor do alistamento e do combate no conflito, alinhados à Itália.

No jornal, o italiano aprendido no Brasil com suas variantes dialetais não serve mais apenas para criar uma coesão étnica entre os imigrantes oriundos das diversas regiões da Itália. Ao contrário, é enunciado não como um elemento de união com o país de origem, mas como veículo de desmistificação da ideia patriótica de reação à ameaça de extermínio e um meio para criar uma identidade de classe operária, para além da condição de imigrante. O internacionalismo libertário desfaz o exclusivismo da condição proletária imigrante no seu proselitismo na língua de origem, apesar de seus leitores *oriundi* identificarem-se como tal entre os nacionais na nação de acolhida. O jornal nos números subsequentes admite a colaboração em português, na intenção de ampliar o seu público leitor entre os descendentes de imigrantes e os nacionais, para abranger a totalidade da classe operária em formação. O periódico busca não partilhar o preconceito estrangeiro contra os trabalhadores nacionais, embora no número de 26 de julho de 1917 confesse sua admiração de militante pela capacidade de luta e de resistência desse proletariado, composto de imigrantes de diversas origens, dispostos a “fazer a América”, e de nacionais, entre os quais os descendentes da escravatura. A posição do jornal reflete o momento histórico-social vivido pelos seus leitores, no momento da maturação da classe operária brasileira, o qual se configura na Greve Geral de julho de 1917.

O número bilíngue de 26 de julho de 1917 expressa a tomada de consciência de si pelo proletariado paulistano. O número citado faz o balanço da Greve Geral e aponta as conquistas da Semana Trágica, tais como a questão do trabalho infantil. Os resultados econômicos não são significativos, pois a situação econômica do país logo absorveria os magros efeitos da greve. O momento é de agitação política e econômica. O número de 26 de julho já prenuncia a continuação da luta, ao opor-se à ameaça de Estado de Sítio pelas autoridades brasileiras, devido a uma suposta declaração de greve pelo Comitato di Difesa Proletaria. O jornal esclarece que de fato os trabalhadores estão mobilizados na atenção para que suas reivindicações negociadas sejam atendidas, mas não propõem a articulação para a greve.

Os militantes admitem que a situação do momento não seja de greve, pois a repressão organizada pela Polícia Política ameaça a classe operária com um verdadeiro massacre, semelhante à Semana Trágica. O clima de luta, no entanto, não arrefece e acabará por eclodir na greve de 1919. O número citado abriga o editorial assinado pelas iniciais *g.d.*, de Gigi Damiani, intitulado “*Non dimentichiamo*”. Ele admite: “*È forse presto per fare la storia tutta di questa prima grande battaglia proletaria che d’un tratto hà elevato i lavoratori di questa terra a dignità di classe*”. Dirigindo-se às mulheres operárias escreve: “*Il sangue dei vostri cari non è stato sparso invano*”. E conclui: “*La messe germinerá!*”.<sup>1</sup> No que é confirmado pelo artigo anônimo, “*Considerazione postume*”, o qual declara: “*Un giorno forse scriveremo la storia di questa prima grande battaglia del proletariato brasiliano*”. E prossegue: “*Forse molti troveranno che Il risultato sono state inferiori allo sforzo fatto, che i sangui ci non sono compensati di miglioramenti attenuati e che restano incerti*”. E mais adiante escreve: “*E di questa vittoria Il proletariato paulistano può e deve menar vanto. ESSO HA RITROVATO NELLA LOTTA LA COSCIENZA DI SÈ STESSO.*”<sup>2</sup> Outro texto anônimo pergunta: “*Vittoria?*” e responde: “*Si vittoria poiché v’è stato uno sconfitto, lo Stato*”.<sup>3</sup> Os anarquistas fazem a crítica do movimento, mas consideram-no uma vitória na luta de classes, a tomada de consciência e da dignidade do proletariado brasileiro e a derrota do Estado, o qual teve de ceder às reivindicações do movimento grevista sobre a questão do trabalho infantil, mas consideram que o resultado econômico é incerto e pouco representativo perante o capitalismo ítalo-paulista.

O número de 26 de julho de 1917 debate dois assuntos primordiais para o momento histórico vivido pela militância anarquista no país e no exterior:

<sup>1</sup> DAMIANI, Gigi. *Non dimentichiamo*. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 1, 26 jul. 1917. As citações em italiano são fiéis ao texto do jornal. Traduzindo: “É talvez cedo para fazer toda a história desta primeira grande batalha proletária, a qual de pronto elevou os trabalhadores desta terra à dignidade de classe. [...] O sangue de seus caros não foi derramado em vão. [...] A colheita germinará.”

<sup>2</sup> CONSIDERAZIONE postume. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 1, 26 jul. 1917. Tradução: “Consideração póstuma. [...] Um dia talvez escreveremos a história desta primeira grande batalha do proletariado brasileiro. [...] Talvez muitos considerem que o resultado foi inferior ao esforço feito, que o sangue não foi compensado pelos melhoramentos esperados e que ainda são incertos. [...] E desta vitória o proletariado paulistano pode se vangloriar. ELE ENCONTROU NA LUTA A CONSCIÊNCIA DE SI MESMO.”

<sup>3</sup> VITTORIA? *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 1, 26 jul. 1917. Tradução: “Vitória? [...] Sim vitória porque houve um derrotado, o Estado.”

a Greve Geral em São Paulo, em julho, chamada de “a semana trágica”, e a Revolução Russa. As duas primeiras páginas exprimem a opinião do periódico e de seus correspondentes sobre os acontecimentos da greve, como a morte de grevistas e sua repercussão imediatamente posterior. As outras duas páginas seguintes comentam a atualidade dos fatos da revolução em curso na Rússia e debatem seus rumos do ponto de vista anarquista. As duas últimas páginas publicam textos de outros jornais, identificados ou não, e editam comunicações oficiais de Comitês de Sindicatos e de outras instituições libertárias. Ao contrário da unanimidade verificada nas duas páginas iniciais do jornal, as duas páginas seguintes refletem uma pluralidade de abordagens sobre a Revolução Russa, extraídas de periódicos estrangeiros traduzidos ou de correspondentes anônimos ou identificados por iniciais, pseudônimos ou ainda autorais. O tom dessa colaboração é de exaltação e, ao mesmo tempo, de preocupação com os rumos que a Revolução toma nesse momento, uma vez que não extingue o Estado, sustentando um governo liberal burguês. Tal como o texto anônimo “Lenine”, escrito em português, no qual o redator manifesta sua preocupação com a evolução da luta na Rússia.

Lenine não quer que a Revolução Russa estacione, pretende empurrá-la para frente e acha que foi um erro terem os operários deixado que a burguesia liberal se apoderasse do poder: o operariado devia ter ido desde logo até o fim, ter ficado inteiramente senhor da situação, sem esperar pela Assembleia Constituinte.<sup>4</sup>

O texto sobre a atuação de Plekhanov, escrito em italiano sob o pseudônimo “Quand mème”, intitulado “*I pericoli per La Rivoluzione Russa – Il più tedesco dei socialisti russi*”, como se pode ler, combate a infiltração da tendência social democrata alemã nos socialistas russos, por sua concepção de uma democracia autoritária. O texto discute os ataques de Plekhanov ao Anarquismo nas figuras de seus expoentes, entre os quais Proudhon. Ao finalizar, argumenta: “*Ci si dirá: ma che autoritá avete voi per dare dell’ignorante ad un uomo como Plekhanov? Nessuna autoritá; noi usiamo*

<sup>4</sup> LENINE. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 3, 26 jul. 1917.

*semplicemente del nostro diretto di critica. Verso un uomo che se avivia forse a fare molto male alla causa che si è a cuore*".<sup>5</sup>

A terceira página, além de denunciar a estratégia burguesa, por meio de sua imprensa, de atribuir o movimento grevista paulista à ação de agitadores estrangeiros, no artigo anônimo, "*Gli agitatore venuti dall'Argentina*", acusa o *Jornal do Commercio* de publicar matéria com a finalidade de prejudicar o comércio local, na defesa dos privilégios dos grandes negociantes estrangeiros, entre os quais os italianos. A discussão sobre a situação socioeconômica pós-Greve Geral publica-se, na miscelânea da página do jornal, ao lado do texto "*Documenti – Due documenti che attestano la solidarietà de compagni italiani com i rivoluzionari russi*", assinado pelo "*Il Comitato Esecutivo dell'Unione Sindicale Italiana; Il Comitato. Aprile 1917, dal Libertario*". O documento vem com os cortes da censura italiana, mas em nota de rodapé, praticamente ilegível pela má impressão da folha, a redação explica como foi possível restaurar o texto, publicando ao lado do censurado os parágrafos suprimidos na íntegra. O texto diz o seguinte: "*A nome del proletariato italiano che milita sotto la bandiera del sindacalismo rivoluzionario operaio, noi vi mandiamo il nostro piú entusiastico esultante saluto: la nostra solidarietà, il nostro evviva!*".<sup>6</sup> E prossegue: "*noi salutiamo in voi la rivoluzione russa, per quello che a fatto e quello che per opera vostra saprá fare*".<sup>7</sup> A seguir publica os textos cortados pela censura sobre a crítica anarquista a respeito dos rumos da Revolução Russa, a saber as causas sobre as quais não se solidarizam: "*non siamo solidari però con quei vostri nuovi governanti contro quali noi siamo in lotta, i patti di*

<sup>5</sup> IL PERICOLI per La Rivoluzione Russa – Il piú tedesco dei socialisti russi. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 3, 26 jul. 1917. Traduzindo: "Os perigos para a Revolução Russa – o maior alemão dos socialistas russos. [...] Disso se dirá: mas que autoridade você tem para chamar de ignorante um homem como Plekhnov? Nenhuma autoridade: nós usamos simplesmente o nosso direito de crítica, contra um homem que se ganhasse talvez fizesse muito mais mal à causa do que se pode crer."

<sup>6</sup> IL COMITATO Esecutivo dell'Unione Sindicale Italiana: Il Comitato. Aprile 1917, dal Libertario. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 4, 26 jul. 1917. Traduzindo: "Documentos – Dois documentos que atestam a solidariedade dos companheiros italianos com os revolucionários russos. [...] O Comitê Executivo da União sindical italiana. Abril 1917, no *Libertário*. [...] Em nome do proletariado italiano que milita sob a bandeira do sindicalismo revolucionário operário, nós enviamos a nossa mais entusiástica exultante saudação: a nossa solidariedade e nosso viva!"

<sup>7</sup> *Ibid.* Traduzindo: "Nós saudamos em vós a Revolução Russa, pelo que foi e pelo que por obra vossa saberá fazer."

*guerra di conquista dallo czar che avete detronizzato*”.<sup>8</sup> Mais adiante escreve: “*Non lo siamo a soprattutto nell’interesse della vostra rivoluzione, che potrà continuare per la sua via redentora contanto se sapia metter fine al piú presto a questa guerra che rovina moralmente e materialmente tutto Il mondo civile*”.<sup>9</sup> A censura recaí sobre a crítica ao governo liberal russo, mas publica a saudação à Revolução que derrubou o czar. O jornal italiano *Libertário* consegue recuperar a matéria censurada reproduzida no texto completo em *Guerra Sociale*.

Além das saudações oficiais anarquistas sobre a Revolução Russa, a quarta e última página do jornal publica o artigo de colaborador, assinado “*Appunti di Arnagiro grevista*”, intitulado “*Il voto di simpatia*”, o qual apresenta estilemas do macarrônico ítalo-paulista. A apresentação desse texto exhibe a composição em mosaico da página do jornal, que arranja os artigos em composição fragmentada; não há uma lógica discursiva linear, mas existe uma totalidade ainda que contingente. O formato da página é congenial ao propósito inicial do jornal de apresentar simultaneamente diferentes pontos de vista sobre as pautas em discussão, enunciada já no seu primeiro número de 1915. No nota da redação do número de 26 de julho de 1917, “*Ai nostri collaboratori e corrispondenti*”, a redação afirma não poder mais aceitar doravante matéria enviada por desconhecidos, por questões de segurança e para assegurar a responsabilidade moral do periódico. A nota contrapõe-se à suposta permissividade dos editores no seu momento inaugural e deve-se à responsabilidade da imprensa operária no momento de crise local e mundial, no qual deve pronunciar-se com coerência, apesar de aceitar a diversidade de pontos de vista. A concepção anarquista sobre a Semana Trágica e sobre a Revolução Russa deve ser a dominante, apesar da abertura para a correspondência, como no texto “*Jogo franco*” extraído de *Os Gráficos*, do Rio de Janeiro, o qual cita Marx a

<sup>8</sup> Ibid. Traduzindo: “Não somos solidários, porém, com os vossos novos governantes, contra os quais lutamos, o pacto de guerra de conquista do czar que destronastes.”

<sup>9</sup> Ibid. Traduzindo: “Não o somos, sobretudo, no interesse de sua revolução, que poderia continuar por sua via redentora, contanto que soubesse pôr fim, o mais depressa possível, a esta guerra que destrói moralmente e materialmente todo o mundo civil.”

respeito da Revolução Social: “A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores”,<sup>10</sup> conceito partilhado pelos anarquistas.

A respeito das resoluções sobre a Greve Geral, o escrito anônimo “*Che Testa!!!*” comenta ironicamente a declaração de Altino Arantes, Presidente do Estado de São Paulo, à Comissão de Jornalistas, a qual se constituiu como intermediária entre o Governo e o Comitato di Difesa Proletaria. O sr. Altino Arantes declarou *não se lembrar* se a reivindicação dos trabalhadores sobre o trabalho infantil teria o apoio da lei. O texto ironiza:

*Ebbene, sai permesso a noi stranieri, gente incolta e che della leggi se ne impipa, ricordare all'illustre governante di questo Stato che il Codice Sanitario, sancito nella legge 432 FIN DAL 1896, prescrive; articolo 180 – I minori di 17 anni non dovranno essere ammessi al lavoro nelle fabbrichi e nelle officine.*<sup>11</sup>

Mais adiante escreve: “*Il decreto 2141 del 14 novembre 1911, decreto sottoscritto dell'ora presidente dello Stato Dr. Albuquerque Lins*”.<sup>12</sup> Ao final, declara:

*Ed in quel decreto oltre a riaffermare che non possono essere occupate nelle fabbriche e officine, minnorenni di 10 anni, e solo in servizi lievi possono esse occupati quelli la di cui età varia da 10 ai 12 anni, in quelli decreto si sentenza anche Articolo 174 – É proibito Il lavoro noturno per minnoranni che non abbiano ragiunto i 18 anni. Singolare paese questo in cui gli anarchici che non credono nella legge, devono ricordare ad un governo che se ignora che vi sono legge che...neppure una somosa di popolo è capace di fargli ricorda.*<sup>13</sup>

<sup>10</sup> JOGO Franco. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 3, 26 jul. 1917.

<sup>11</sup> CHE TESTA!!!. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 4, 26 jul. 1917. Traduzindo: “Pois bem, que seja permitido a nós estrangeiros, gente inculta e que não se gaba da lei, lembrar ao ilustre governante deste estado, que o Código Sanitário sancionado na lei 432, AO FIM DE 1890, prescreve: artigo 180 – Menores de 17 anos não devem ser admitidos no trabalho, nas fábricas e nas oficinas.”

<sup>12</sup> Ibid. Traduzindo: “O decreto 241 de 14 de novembro de 1911, decreto assinado pelo então presidente do estado Dr. Albuquerque Lins.”

<sup>13</sup> Ibid. Traduzindo: “E no tal decreto, além de reafirmar que não se podem ocupar em fábricas e oficinas menores de 10 anos, e somente em serviços leves podem ser admitidos aqueles cuja idade varia de 10 a 12 anos, nesse decreto é senten-

*Guerra Sociale* publica a lei do Código Sanitário também em português, no artigo “Cínicos e mentirosos”, bem como a lista das reivindicações dos grevistas, em “Jogo franco”, texto publicado no jornal *Os Gráficos*, do Rio de Janeiro. A publicação das leis, documento importante para o esclarecimento do público leitor, é reproduzida em italiano e em português, como “Os documentos da greve – o que reclamam os operários”. A publicação bilíngue pressupõe um público capaz de ler as duas línguas. O texto em italiano pode apresentar palavras em português e citar a imprensa brasileira, como o texto “*Cosa si preparava?*”, o qual cita o jornal *O Combate*. O periódico possui uma concepção ampliada da constituição da classe operária, composta de imigrantes e seus descendentes e de nacionais. Apesar de italiano, *Guerra Sociale* não se restringe a apenas um grupo étnico, mas ao conjunto dos trabalhadores, os quais se afirmam como classe na Greve Geral de 1917.

O número em questão discute o papel do jornalista e da imprensa anarquista no movimento operário, sobretudo a respeito da Greve Geral. A figura do jornalista libertário funde-se frequentemente na imprensa burguesa à do agitador estrangeiro. *Guerra Sociale* desvincula a imprensa anarquista da pecha excludora de jornalismo estrangeiro, atribuída pela grande imprensa burguesa nacional, ao declarar no artigo anônimo “*Stranieri*” sua inclusão no seio da classe operária brasileira em fase de afirmação. O escrito diz o seguinte:

*Poiché da piú di vent'anni noi anarchici stranieri, ci battiamo per fraternizzare con il proletariato indígena, il proletariato di immigrazione, mentre invece gl'industriali che ogi la polizia difende, nella quase totalitá stranieri, spendono denaro e agitano per creare o mantenere istituzione di quali in seno alla fami-*

ciado ainda o artigo 174 – É proibido o trabalho noturno para menores que não tenham atingido os 18 anos. País singular este, em que os anarquistas, que não acreditam na lei, devem lembrar a um governo que ignora que haja uma lei que... nem mesmo um levante do povo é capaz de fazê-los lembrar.”



*glia brasiliana provocano il dissidio delle nazionalit  e mantengono vivi le cause di odi i di dissensi profondi.*<sup>14</sup>

O jornal refere-se às campanhas patrióticas da burguesia de origem italiana da cidade de São Paulo e   taxa de contribui o para o Comitê Pro Patria. Gigi Damiani declara na primeira página do número de 26 de julho de 1917, no texto autógrafo “*Non dimentichiamo!*”, o seguinte: “*Noi non siamo dei compilatori di cronache, ma soldati che restano al loro posto, poiché la battaglia ancora non   finita*”.<sup>15</sup> A afirma o de Gigi Damiani distingue a imprensa libertária por sua combatividade em compara o com a imprensa de gabinete e confirma a militância ativa do jornalista libertário, que não atua apenas na propaganda pela palavra, mas toma parte na luta dos operários em greve. O número mencionado anuncia que publica nas suas páginas textos editados nos suplementos durante os dias da Greve Geral. Gigi Damiani pondera: “*È forse presto per fare la storia tutta di questa prima grande battaglia proletária che d’un tratto ha elevato i lavoratori di questa terra a dignit  di classe*”,<sup>16</sup> conforme j  citamos em outra parte. A Greve Geral surpreende o correspondente, que assina com o pseudônimo de Corso, em “*Divagazione*”, pois de acordo com ele: “*Era convinzione in noi che la classe lavoratrice per un lento adattamento s bito, non trovano pi  l’anima e de forze di porre un’argine a contanto dilagare di miséria, soprusi e vigliaccherie.*”<sup>17</sup>

<sup>14</sup> STRANIERI. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 2, 26 jul. 1917. Traduzindo: “Porque, h  mais de vinte anos, nós, anarquistas estrangeiros, nos batemos para confraternizar com o proletariado indígena, o proletariado da imigra o, enquanto, ao contrário, os industriais que hoje a polícia defende, na quase totalidade estrangeiros, gastam dinheiro e se agitam para criar e manter institui es, as quais provocam no seio da família brasileira o dissídio da nacionalidade e mant m vivas causas de ódio e de desentendimentos profundos.”

<sup>15</sup> DAMIANI, Gigi. *Non dimentichiamo*. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 2, 26. Jul. 1917. Traduzindo: “Não esquecemos! [...] Nós não somos compiladores de cr nicas, mas soldados que ficam no seu posto, porque a batalha ainda não acabou.”

<sup>16</sup> *Ibid.* Traduzindo: “Talvez seja cedo para fazer toda a história desta primeira grande batalha proletária, que de pronto elevou os trabalhadores desta terra   dignidade de classe.”

<sup>17</sup> CORSO. *Divagazione*. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 2, 26 jul. 1917. Traduzindo: “Era nossa convic o que a classe trabalhadora, por uma lenta adapta o, de repente, não encontrava mais  nio e força para pôr um fim a tanta miséria, injúria e velhacaria.”

A greve de fome, como a descrevem alguns colaboradores, surpreendeu a militância anarquista. Em certos meios libertários julgava-se que do operariado nacional e do amálgama de diferentes imigrações não poderia surgir uma rebelião, pela falta de confraternização entre as partes e o preconceito contra o operariado nacional, cuja origem na escravatura não o faria propenso ao trabalho nem ao regime da fábrica. Mas o conflito da Semana Trágica com seus mortos e sua resistência desmentiu a opinião preconceituosa da parte dos trabalhadores estrangeiros e da militância anarquista, na união do proletariado em defesa de seus direitos, já preconizados no Código Sanitário, na Lei n. 432, de 1896, jamais aplicada pelos capitães da indústria ou pelo Governo do Estado. A lei, no entanto, figurava nos panfletos distribuídos na Europa pelos agentes da imigração, como propaganda do país de acolhida. O papel da imprensa militante é destacado na intermediação entre as partes no conflito da Greve Geral. A Comissão de Jornalistas atuou nas negociações entre o Comitato di Difesa do proletariado e o Governo do Estado, na pessoa do Dr. Altino Arantes. Ao contrário da imprensa burguesa, tal como a discute o já mencionado artigo “Jogo franco”, o texto denuncia os grandes jornais, os quais se autodenominavam o *quarto poder* durante os dias da greve e no momento das negociações se apropriam das conquistas do proletariado, proclamando-se defensores dos direitos dos trabalhadores. O escrito acusa o oportunismo da grande imprensa e a qualifica de empresa capitalista com objetivos mercantis. O texto argumenta:

A pena na mão desses homens sem escrúpulos de nenhuma espécie é uma arma terrível, mil vezes pior que o punhal do sicário, porque este prende a arma homicida alucinado pela sede de sangue e acaba por cair nas mãos da justiça, enquanto que o jornalista traficante, que aluga sua pena para quem melhor lhe paga, para destruir reputações e defender infames, tem sutileza bastante para caminhar à margem dos códigos, escarnecendo as leis. Nós que escrevemos nos jornais operários, apesar de mais afeitos a manejar a ferramenta do que a pena, não precisamos do auxílio da imprensa venal para conquistar as regalias que competem à classe proletária. Nós não queremos que o vírus corrosivo e desmoralizador dos que se dizem *operários*

*intelectuais* venha contaminar a pureza de nossos ideais; os trabalhadores conscientes da sua missão preferem a doutrina simples, o estilo chão dos *intelectuais operários* porque os sabem sinceros e desinteressados e que ninguém melhor do que eles pode advogar a causa santa dos oprimidos.<sup>18</sup>

O jornalismo estrangeiro anarquista inscreve-se, portanto, na rede mais ampla do jornalismo nacional. Mas mantém uma atitude de oposição à grande imprensa, representada pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Commercio*. O jornalismo proletário de *Guerra Sociale* atua na propaganda pela palavra e na ação grevista com o *Suplemento*, distribuído durante os dias de greve, mas dos quais não encontramos exemplares nas coleções públicas. O jornalista libertário organiza e informa o movimento operário notadamente no meio urbano; sua atuação militante é flexível e se adapta ao momento histórico vivido pelos trabalhadores, mas não se comporta como condutora do movimento. A militância nos momentos de conflito difere da ação cotidiana nos instantes de arrefecimento da luta de classes.

Neste breve escrito optamos por examinar esse jornalismo em momentos de conflito social: a Greve Geral, a Grande Guerra e a Revolução Russa, num primeiro momento, e no número único de 1935 examinaremos a questão da propaganda antifascista e a Segunda Guerra Mundial. Escolhemos nos determos na análise da linguagem jornalística notadamente dos números de 7 de julho de 1917, imediatamente anterior à Greve Geral, e do número único de 1935, no qual o jornal faz propaganda antifascista. O objetivo é estudar a escrita do macarrônico, na forma dialetal do ítalo-paulista falado nas ruas da cidade de São Paulo. A escritura dos jornais italianos apresenta a marca do coloquialismo do italiano falado em São Paulo pelos italianos e seus descendentes. A proposta é verificar as peculiaridades da linguagem jornalística de *Guerra Sociale* em dois momentos de crise da história contemporânea na cidade de São Paulo.

<sup>18</sup> JOGO Franco. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 3, 26 jul. 1917.

O que chama imediatamente a atenção do leitor de hoje, passados muitos anos de sua escritura, é a comunicação expressiva do jornal. A proximidade com o público explica-se pela frequente inserção de signos do leitor no texto do periódico, tal como a utilização da segunda pessoa do singular, no texto carcamano “*Lettera Aperta*”, de Anargiro Sbadaglio, datado de 7 de julho de 1917, e da primeira pessoa do plural, o “nós”, para denominar a opinião da redação, em nota de rodapé, no texto “Motim de mulheres”, assinado pelos Elementos Avançados de Barretos, de junho de 1917. A familiaridade com o público em 1917 como em 1935 explica-se pelo uso do italiano e por dirigir-se às classes populares de origem italiana, as quais estavam em luta em 1917 contra o cotonifício Crespi e, em 1935, os redatores posicionam-se contra os emissários do governo fascista italiano por meio do Consulado e os partidários do *fascio* na colônia italiana. O uso do italiano cria uma cumplicidade entre a redação e o leitor, embora o jornal também publique textos em português, o que evidencia a intenção de dirigir-se a um público mais amplo do que os falantes do italiano. De qualquer modo, o que se percebe é o contágio do italiano e do português na escritura do jornal desde 1917 até 1935, embora se verifique uma maior preservação do italiano em certos textos em 1917 e uma intensificação da contaminação do português em outros textos de 1935. O português também recebe a influência do italiano, porém não chega a constituir o macarrônico. As transformações da oralidade na escrita constituem o fundamento da expressividade dessa linguagem jornalística ítalo-paulistana.

Com respeito à eloquência do periódico, temos que relatar também os seus momentos de silêncio, que são relevantes. O jornal emudece durante a Greve Geral de 8 a 16 de julho, só retomando a publicação em 26 de julho de 1917. Outro motivo provável do silêncio da folha em 1917 é a integração dos colaboradores na ação direta da greve em 1917 e, anos depois, as dificuldades em manter uma folha de propaganda antifascista em 1935, com base na subscrição voluntária, dada a difusão do patriotismo entre os membros da colônia italiana, ou por proibição das autoridades brasileiras. Os diretores são Gigi Damiani em 1917 e Francesco Cenci em 1935.

Os diversos momentos históricos vividos pelo jornal e pelos leitores dizem respeito, entre outros assuntos, à emancipação do proletariado. Mas

a relação entre o periódico e seu público é diferente às vésperas da Greve Geral de 1917 e da Primeira Guerra Mundial e durante a ascensão do fascismo no momento anterior à Segunda Guerra Mundial. Em 7 de julho de 1917, o jornal é o porta-voz dos grevistas notadamente do cotonifício Crespi. O mesmo não se dá em relação ao público leitor no número único de 1935, quando a folha conclama os descendentes de imigrantes a recusarem as declarações de patriotismo italiano e a convocação para a guerra, lideradas pela burguesia ítalo-paulista dos Crespi e dos Mattarazzo. A identidade ítalo-paulista não é a mesma em 1917 e 1935. Durante a greve, a comunidade proletária italiana unida em sua luta econômica por melhores salários e pelo fim do trabalho infantil diverge dos ítalo-paulistas divididos pela propaganda fascista, a qual imprime um caráter militar à nostalgia do exílio do imigrante. O *fascio* empenha-se na emulação de sua origem italiana, em terra estrangeira, vivida ainda pelos seus descendentes, na ilusão do torna-viagem patriótico para o combate na Abissínia.

*Guerra Sociale* publica matéria em italiano e em português. No mesmo número de 7 de julho de 1917, há um editorial assinado com as iniciais G.D., seguramente por Gigi Damiani, e o texto “Aos anarquistas” assinado por Margarida Paula, matéria em português, copiada ou enviada de Lisboa. A autoria da colaboração não é uma prática da folha anarquista, sempre ameaçada de empastelamento pela polícia política. Tampouco há o endereço da publicação, apenas a Caixa Postal, para a qual os leitores são convidados a colaborar com as finanças da publicação por subscrição voluntária. O tom de *Guerra Sociale* não é panfletário, não incita os grevistas e até critica a retórica dos calorosos oradores de comício, como no texto anônimo “*Fanfaronate superfine*”. Mas coloca-se muito próximo do leitor e solicita sua oposição à ação de Rodolfo Crespi, apoiado pela polícia na pessoa do delegado Bandeira, para contratar mão de obra ociosa como meio de substituir o operariado em greve, como em “*Krumiri e polizia*”, colaboração anônima: “*Adesso tentano di organizzare Il krumiraggio, contando su una dozzina di pezzenti, senza dignità, senza pudore*”.<sup>19</sup>

<sup>19</sup> KRUMIRI e polizia. *Guerra Sociale*, São Paulo, p.1, 7 jul. 1917. Traduzindo: “Agora tentam organizar a crumiragem, contando com uma dúzia de mendigos, sem dignidade, sem pudor.”

A referida proximidade com o público exprime-se em certos artigos na contaminação pela prosódia da fala paulistana, nas gralhas do português no texto italiano e vice-versa, ou nas falhas da tipografia. Mas a meu ver não chegam a configurar uma variação dialetal. A existência do cômico é eventual e quase sempre dirigida à burguesia ítalo-paulistana, como os Crespi e os Mattarazzo. Não há evidentemente nenhuma estilização paródica, tal como a encontramos no *Juó Bananere* de Alexandre Marcondes Machado. Pois não se trata de uma visada externa ao italiano e seus descendentes, como no caso da criação do escritor brasileiro de estirpe, mas de uma mirada interna à comunidade italiana. O que encontramos na variada colaboração em 1917 como em 1935 é uma espécie de “sotaque” brasileiro na escrita italiana, às vezes construções de sintaxe estranhas ao italiano e ao português, as quais exigem mais de uma leitura para sua compreensão. Como no texto assinado pelo pseudônimo Spártaco, “*Il fascismo e la guerra*”, de 1935, do qual transcrevo o trecho seguinte:

*Ma i conti fatti senza l'oste, bisogna farli due volte. Non sempre il numero o la superiorità delle armi, da sole, valgono per assicurare la istoria. Vi sono degli imponderabili fattori morali, che bisogna tener conto, se si vuol spassionatamente fare un calcolo approssimativamente esatto, da che parte si può avere la probabilita di vittoria.*<sup>20</sup>

De qualquer forma, o que verificamos é uma linguagem saborosa, coloquial e familiar, que, para nós leitores brasileiros de hoje, nos parece um italiano abrasileirado, não digo formal ou da língua escrita.

O jornal não prega a doutrina anarquista de forma retórica, mas aplica-a na análise dos acontecimentos diários dos grevistas de 1917 e da colônia italiana em 1935. O segmento social da chamada colônia é um agrupamento social por etnia e apresenta uma forte hierarquia social. Nela a divisão entre os imigrantes que ascenderam socialmente na burguesia

<sup>20</sup> SPÁRTACO. *Il fascismo e la guerra*. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 1, out. 1935. Traduzindo: “Mas, feitas as contas sem o freguês, é melhor fazê-las duas vezes. [Trata-se de um adágio.] Nem sempre o número ou a superioridade das armas, isoladamente, valem para assegurar a história. Há os imponderáveis fatores morais, que é preciso levar em conta, se desejamos fazer um cálculo, desapassionado e aproximadamente exato, de qual parte poderá ter maior probabilidade de vitória.”

paulistana e os representantes das classes populares é forte e provoca sentimentos ambíguos de veneração e ressentimento. Daí a atração pelo fascismo, o qual parece nivelar as diferenças sociais no culto da pátria de origem distante, como mãe de todos sem marcas de classes. Os libertários combatem o fascismo como sistema social e como ilusão da fraternidade italiana, mascarados os conflitos de classe. A posição da folha é de solidariedade com os despossuídos e de combate ao fascismo no Brasil e na Itália de Mussolini. *Guerra Sociale* em 1935 combate a guerra na Etiópia e opõe-se ao recrutamento dos jovens ítalo-paulistas pelos emissários italianos por meio do Consulado. A tonalidade é de advertência e de proximidade e não apenas de propaganda contra o Estado, antimilitarista e anticlerical, embora, como anarquistas, seus textos assumam posição em defesa da paz, e publiquem textos de Malatesta e de Celestino Lalli.

Na relação com o leitor, o jornal apresenta características diferentes em 1917 no momento de irrupção da Greve Geral e durante a difusão da propaganda fascista em 1935 às vésperas da Segunda Guerra Mundial, como já dissemos anteriormente. O público de 7 de julho de 1917 é o do momento de maturação das lutas do operariado italiano. A Greve Geral fortalece a capacidade de luta do proletariado e favorece a consciência de classe. Os leitores do jornal estão empenhados no conflito social. Mas a folha anarcossindicalista não se posiciona como dirigente do movimento em curso. Ela oferece material para o debate sobre os rumos dos acontecimentos, ao discutir no artigo “Ruit hora”, assinado pelas iniciais de Gigi Damiani, a respeito da necessidade de o movimento superar a greve por categoria e unir-se em torno de objetivos mais amplos, embora não mencione explicitamente a Greve Geral como instrumento de luta revolucionária. O artigo propõe: “*S’impone un movimento generale che vada oltre gli scioperi di categoria e che sai più di un movimento di classe*”. Um pouco acima declarava: “*Qualque cosa d’impensato, d’inaudito, di tremendo matura.*”<sup>21</sup> *Guerra Sociale* discute o coletivismo, contra o qual

<sup>21</sup> RUIT hora. *Guerra Sociale*, São Paulo, p.1, 7 jul. 1917. Traduzindo: “Impõe-se um movimento geral que vá além das greves de categoria e seja um movimento de classe [...] Alguma coisa de impensado, de inaudito, de tremendo está amadurecendo.”

se posiciona, no texto anônimo, “*Ripartizione Collettivista*”. O jornal toma posição a favor do anarcocomunismo:

*Ma Il giorno in cui le relazioni saranno più cordiali, la coscienza della individualità più formata, la dignità personale e lo istinto della giustizia più evoluti, i calcoli errati del collettivismo autorit rio appariranno evidenti e lo studio pi  profondo di sistemi sociali porter  fatalmente le simpatie del proletariato e ne volger  le attività rivoluzionari verso il comunismo libertário.*<sup>22</sup>

Ao debater seu posicionamento sobre a greve econ mica, o jornal de 1917 distancia-se de imediato do seu público de grevistas e a comunica o torna-se mais formal, ao escrever na língua escrita do ideário anarquista. Mas há outros colaboradores desse mesmo número que se exprimem na linguagem coloquial na mais franca oralidade, como a “*Lettera aperta*” de Anargiro Sbadiglia. O autor intermedi rio de uma suposta carta de uma grevista exprime-se um puro carcamano, na intimidade com o leitor ao trat -lo por “tu”:

*Io l'altro giorno ti sono sceso in mezzo agli scioperanti del cotonificio Dell'Aqua... no, mi sbaglio, del cotonificio Crespi, voleva dire, con la buona intenzione di arringarti gli operai perch  facessero un'altra pergamena scritta con lacrime di riconoscenza al 'Fanfulla', giornale che ti potrebbe dare lezioni di malabarismo, meglio d'un qualunque volgare e pubblico saltimbanco.*<sup>23</sup>

A falta do jornal durante a Semana Trágica faz pensar no envolvimento da reda o diretamente na greve.

<sup>22</sup> RIPARTIZIONE Collettivista. *Guerra Sociale*, S o Paulo, p. 2, 7 jul. 1917. Traduzindo: “Mas no dia em que as rela es sejam mais cordiais, a consciência da individualidade, melhor formada, a dignidade pessoal e o instinto da justiça, mais evoluídos, os cálculos errados do coletivismo autoritário parecerão evidentes e o estudo mais profundo do sistema social ganhar  fatalmente a simpatia do proletariado e voltará a atividade revolucionária para o comunismo libertário.”

<sup>23</sup> SBADIGLIA, Anargiro. *Lettera Aperta*. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 2, 7 jul. 1917. Traduzindo: “Eu, outro dia, me vi envolvido no meio dos grevistas do cotonifício Dell'Aqua... não, me engano, do cotonifício Crespi, quero dizer, com a boa inten o de arengar os operários para que fizessem um outro pergaminho escrito com lágrimas de reconhecimento ao *Fanfulla*, jornal que poderia te dar li es de malabarismo, melhor do que qualquer saltimbanco vulgar e público.”



Já o periódico de 1935, ao combater a propaganda fascista, cria um público que não é de classe, mas a totalidade da comunidade dos imigrantes e seus descendentes na assim chamada colônia italiana, que é um agrupamento por etnia. A linguagem do jornal apresenta certa contaminação com a prosódia paulistana, na expressão do *carcamano* no texto de certos colaboradores, sinônimo da fala daquele que vem de fora. A linguagem do jornal não chega a constituir o macarrônico na imitação paródica dos erros cometidos pelos falantes de segunda ou terceira geração. O *carcamano* é o *adventício*, aquele que chega, que vem de fora. O *carcamano* ítalo-paulista cria o burlesco, ao configurar o culto à pessoa de Mussolini como uma espécie de anti-herói *rocambolésco*, tal como no edital “*Il fascismo e la guerra*” e assinado com o pseudônimo Spártaco:

*Ora Mussolini, megalomane e pazzo, non vuol crepare senza aggiungere alla sua triste celebrità um gran fatto d'armi sanguinoso e doloroso. E porta, e trascina, la bella gioventá d'Italia a morire ingloriosamente nelle sabbi africane forse, per farsi incoronare imperatore, o cosa simile, in campidoglio, o per de mostrare al mondo che... non a paura dell'Etiopia.*<sup>24</sup>

Mas a marca que distingue a linguagem da folha é a oralidade, que exprime a fala das ruas da cidade de São Paulo. O jornal expressa a intimidade desabusada com o leitor fundamentada no cômico de alguns textos “mal escritos”, nos quais o colaborador não domina suficientemente o italiano escrito, originando o *carcamano*.

A linguagem do jornal é o italiano e o português, mas admite transgressões gramaticais na sintaxe e no vocabulário, facilitadas pelo bilinguismo programático de *Guerra Sociale*. A convivência na redação dos editores e dos colaboradores nacionais e estrangeiros e notadamente a convivência dos tipógrafos italianos e brasileiros na composição dos textos estimulam a transferência cultural, transformada em ação cotidiana

<sup>24</sup> SPÁRTACO. Il facismo e la guerra. *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 1, out. 1935. Traduzindo: “Ora, Mussolini, megalomaniaco e louco, não deseja morrer sem acrescentar à sua triste celebridade um grave acontecimento de armas sangrento e doloroso. E leva, e arrasta a bela juventude da Itália a morrer ingloriosamente nas areias africanas, para fazer-se talvez coroar imperador, ou coisa parecida, no capitólio, ou para mostrar ao mundo que... não tem medo da Etiópia.”

natural, ao incorrer em gralhas, falhas e incorporações, as quais formam a base linguística do carcamano escrito. Juntamente com a propaganda do ideário anarquista de caráter internacional, o barbarismo fundamenta a transnacionalidade do periodismo anarquista em língua italiana, do qual a série de *Guerra Sociale* é um exemplo. Um editor italiano como Gigi Damiani participa da redação de vários jornais, italianos e brasileiros, tais como: *La Battaglia*, *La Guerra Sociale*, *A Voz do Povo*. A proximidade suscita a contaminação linguística originando o carcamano, fruto da transferência cultural, como já dissemos. Os jornais publicam matérias de outros jornais como prática cotidiana. Tal como *Guerra Sociale* publica texto de *Workers Age* em seu número de 1935. O procedimento de empréstimo jornalístico é usual e vertiginoso na imprensa anarquista e deve-se aos objetivos da propaganda escrita internacional, que não conhece autoria ou exclusividade. Os textos são frequentemente anônimos, assinados por pseudônimos ou apenas as iniciais dos seus autores. A competência no uso da língua escrita também varia de colaborador a colaborador. Há textos bem escritos de acordo com as normas gramaticais e há outros nos quais se percebe o desconhecimento parcial da fala nacional ou estrangeira nas marcas da oralidade no texto escrito. O conjunto da imprensa anarquista forma uma rede transnacional de comunicação de notícias sobre o movimento operário mundial. A organização intencional dessa rede deve-se à concepção internacionalista da utopia libertária. A assim chamada transnacionalidade é, pois, congenial à imprensa anarquista.